

“MUITO PRAZER, ME APRESENTO, O MEU NOME É... RENEGADO”¹: EXPERIÊNCIA E NARRATIVA NO RAP DE FLÁVIO RENEGADO[✓]

1

Joseli Aparecida FERNANDES²
Cilene PEREIRA³

¹ Esse verso faz parte da canção **Renegado**, de Flávio Renegado.

[✓] Artigo recebido em 13/08/2018 e aprovado em 20/11/2018.

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Vale do Rio Verde (2000). Especialização em Supervisão Escolar pela FIJ-RJ(2009); Inspeção Escolar pela Faculdade FINOM(2012); Gestão Escolar (2013-2015) pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestrado em Letras pela Universidade Vale do Rio Verde. E-mail: <josyfernanddes@hotmail.com>

³ Doutora em Teoria e História Literária. Docente do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: <coord.mestrado.lettras@unincor.edu.br>.

“MUITO PRAZER, ME APRESENTO, O MEU NOME É... RENEGADO”:

EXPERIÊNCIA E NARRATIVA NO RAP DE FLÁVIO RENEGADO

RESUMO

Este artigo propõe refletir sobre o modo como o *rapper* mineiro Flávio Renegado se apropria da própria vivência para a escrita de suas canções⁴. Nascido em Belo Horizonte, na comunidade Alto Vera Cruz, ele está hoje em seu terceiro álbum. Renegado apresenta em suas letras uma crítica social permeada pela ideia de resistência e pelo incentivo a atitudes positivas diante das mazelas que assolam a vida dos moradores da periferia. Pautado por suas próprias experiências de vida, ele leva informação e conhecimento, o que faz com que o *rapper* se assuma como o grande narrador e mensageiro de sua comunidade, um cronista das injustiças sociais, espécie de *griot* moderno, exercendo um papel político fundamental, o de entoar a história das pessoas, utilizando a arte como mecanismo de resistência. Para evidenciar isso, iremos analisar as canções **Renegado**, **Benção** e **Redenção**, todas pertencentes ao álbum **Do Oiapoque a Nova York**.

Palavras-chave: Vivência. Flávio Renegado. Narrador. Resistência.

“VERY PLEASED, I INTRODUCE MYSELF, MY NAME IS... RENEGADO”:

EXPERIENCE AND NARRATIVE IN THE RAP OF FLÁVIO RENEGADO

ABSTRACT

This study aims at discussing the way Flávio Renegado – a rapper who was born in Minas Gerais, Brazil – uses his own experience of life to write his lyrics. He – who was born in Belo Horizonte, Alto Vera Cruz community – has launched his third album. Some topics that permeate his lyrics are criticism of the society, ideas of resistance and encouragement to positive attitudes when facing the bad things that happen in the routine of those who live in low-income outskirts. Based on his own life, he spreads knowledge and it makes him the narrator and messenger of his community, a writer of social injustices, a kind of “modern griot” with an essential political role: telling people’s stories using art as a tool of resistance. In order to make it clear, we are going to analyze the songs **Renegado**, **Benção** and **Redenção** (all part of **Do Oiapoque a Nova York**).

Keywords: Life experience. Flávio Renegado. Narrator. Resistance.

⁴ Mesmo sabendo que a canção se constitui pela junção entre letra e música, o foco de interesse para esta análise se concentra nas letras, levando em consideração o discurso inscrito nelas, visto que este artigo tem como objetivo identificar como Flávio Renegado constrói, por meio de suas letras, a narrativa de sua vida.

1 INTRODUÇÃO

O *rap* (ritmo e poesia), o grafite, o *break* e o MC constituem os quatro elementos da cultura *hip hop*, que se origina no Bronx, região periférica de Nova Iorque (maior cidade dos Estados Unidos). Os artistas associados ao movimento expressam suas realidades por meio de questões de cunho social e político, tendo ainda como propósito o entretenimento. Segundo as autoras Janaína Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano, o movimento nasce norteado por ideologias ou parâmetros ideológicos de autovalorização de jovens negros (resultado da diáspora negra) através da recusa consciente de estigmas relacionados à violência e à marginalidade que estavam associados a eles, imersos em uma situação de exclusão econômica, educacional e racial. O meio mais importante para se livrar dessa situação seria a disseminação da palavra: por meio de ações culturais e artísticas, esses jovens seriam induzidos a pensar sobre sua realidade com o objetivo de tentar transformá-la (Cf. ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p. 19).

No Brasil, o movimento *hip hop* traça uma trajetória bem parecida com a que se deu nos Estados Unidos, tendo como porta de entrada a dança, e a cidade de São Paulo como espaço inicial, espalhando-se, depois, para outros centros urbanos. Ana Lúcia Silva Souza, a partir da leitura de autores como Gilroy, Hall e Canclini, aponta que como movimento cultural, o *hip hop*

[...] se transforma nos vários contextos em que aporta, hibridiza-se e assume distintos formatos, resignificando de maneiras diferentes os efeitos do fenômeno da diáspora negra pelo mundo, fazendo da musicalidade um dos elementos de sustentação de sua organização social, cultural e política (SOUZA, 2011, p. 58).

No cenário nacional, o *rap*, o *break* e o grafite perdem seu caráter de simples forma de expressão ou diversão para se transformar num estilo de vida, uma forma contemporânea de engajamento social, fazendo com que o *hip hop* passe a existir enquanto forma identitária que irá mediar a relação dos sujeitos com o social,

funcionando como uma forma artística, espontânea e criativa de inclusão e possibilidade de ascensão dos sujeitos que estavam a mercê de todo e qualquer tipo de exclusão. No caso específico do *rap*, ele acaba por representar

[...] a voz das minorias em tom de provocação contra tudo que sofreram. Exclusão é sua palavra-chave. Incômodo e subversivo, critica ferinamente a sociedade [...] O gênero torna-se plataforma de protesto contra a pobreza, a violência e o racismo (CARMO, 2010, p. 182).

Em Minas Gerais, um dos *rappers* de destaque é Flávio Renegado, nascido em Belo Horizonte, na Comunidade do Alto Vera Cruz⁵. Neste artigo, propomos refletir sobre o modo como Renegado apropria-se de suas experiências de vida para levar a sua comunidade mensagens de resistência e atitude frente às adversidades do sujeito periférico, destacando ainda a ideia de que a vivência do *rapper* é importante para a construção de sua arte. Isso porque, segundo Santos, a periferia, local de vivência do *rapper*, é “o ‘espaço do acontecer’, uma espécie de matéria prima para a criação de raps, transformando a experiência vivida em poesia musical, utilizando como estratégia de comunicação os ‘eventos’ que são produzidos nesses lugares” (SANTOS, 2013, p. 21). Para tanto, propomos a análise de três canções de Renegado, presentes no álbum **Do Oiapoque a Nova York**, de 2008: **Renegado**, **Benção** e **Redenção**.

⁵ A comunidade Alto Vera Cruz está localizada na região leste da capital mineira. Num passado mais remoto a área pertencia a fazendas de propriedade das famílias Necésio Tavares, Marçola e Jonas Veiga. Partes dessas terras foram vendidas para a Comiteco e posteriormente para a Ferrobela (Cia Mineradora de Belo Horizonte), que deveria promover a urbanização do lugar. Como isso não ocorreu, a área ficou abandonada e degradada ambientalmente. Apesar disso, era bem servida pelas águas limpas e abundantes do córrego Santa Teresinha, que nessa época era margeado por uma densa mata. A ocupação deste espaço se dá em 1950, no qual a área que não contava com nenhuma infraestrutura ou saneamento básico. Na década de 1960 é que o povoamento se intensifica com a chegada de trabalhadores provenientes da construção civil. Nessa época, o único meio de acesso ao local era o trem que vinha de Sabará, a “Maria Fumaça” e a “jardineira” que passava na rua Leopoldo Gomes com Caravelas. Os moradores costumavam andar a pé até o bairro Horto para pegar o bonde. O bairro conta com um comércio muito intenso, que se concentra na Rua Tebas. O local possui uma vida cultural rica e diversificada, abrangendo centros culturais, associações, projetos culturais e sociais, grupos de esporte e lazer, entre outros. Há ainda uma escola, A Escola Municipal Israel Pinheiro, que presta atendimento para crianças a partir de 6 anos de idade até jovens e adultos, que oferta ainda vários cursos de qualificação profissional. Disponível em: <https://www2.icb.ufmg.br/projetosol/?page_id=206> Acesso em: 12 nov. 2017 e <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=39243&chPlc=39243&&pldPlc=&app=salanoticias>> Acesso em: 12 nov. 2017.

2 O RAP DE FLÁVIO RENEGADO: VIDA E ARTE

Filho de mãe solteira e o segundo de três irmãos, Renegado iniciou sua carreira aos treze anos, quando entrou para a cultura *hip hop*, participando de bandas efêmeras como o *Brothers do Rap*. Ao entrar para o mundo artístico, assumiu o apelido adquirido quando criança, Renegado.

Em 1997, então com 15 anos de idade, criou o grupo Negros da Unidade Consciente, o NUC, junto com sua irmã, Dani Crizz, com Negro F e DJ Francis. O grupo teve duração de dez anos, fez shows em várias partes do país e liderou importantes projetos sociais na comunidade. O NUC apresentava como características o diálogo com outros estilos musicais e o significativo apelo social nas letras de suas canções. A partir dele, Renegado criou a ONG Grupo Cultural NUC.

Em 2007, com o fim do grupo, Renegado iniciou carreira solo, após convite da produtora Danuza Carvalho. Em agosto do ano seguinte, lançou seu primeiro álbum, **Do Oiapoque a Nova York**. A partir daí o cantor fez shows de divulgação do seu trabalho em várias cidades do interior do estado por meio do Projeto Natura. Este trabalho o levou também para shows na Europa, Oceania e Américas, num ciclo que se encerrou com um show em Nova York, no Central Park.

Foi em 2009, entretanto, que Renegado teve seu primeiro reconhecimento internacional, quando venceu o maior festival de *hip hop* da América Latina, o HútuZ, nas categorias revelação e melhor site. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro clipe, com a música **Santo Errado**, que integrava seu primeiro CD. Esse clipe, gravado com Érich Batista, foi importante para que ele formasse parcerias com outros artistas e o levou a abrir shows de cantores aclamados da música popular brasileira, como Seu Jorge, Maria Alcina, Otto, Bebel Gilberto, Fernando Catatau, Mariana Aydar, entre outros.⁶

Em 2011, Renegado lançou mais um álbum, **Minha tribo é o mundo**, que apresenta um timbre mais urbano, sob forte influência de movimentos sonoros modernos. Com esse trabalho percorreu o país e integrou importantes festivais,

⁶ Disponível em: <[http://www.fndc.org.br/system/uploads/ck/files/Curriculo_Flavio_Renegado\(1\).pdf](http://www.fndc.org.br/system/uploads/ck/files/Curriculo_Flavio_Renegado(1).pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2017.

como o Black2Black e o Rock in Rio. Essa etapa culminou com o lançamento, em 2014, do CD e do DVD **Suave ao Vivo**. No mesmo ano, junto com a produtora cultural Danusa Carvalho fundou a Associação Cultural Arebeldia,⁷ uma entidade privada, sem vínculos partidários, religiosos ou lucrativos, que tem como objetivo a promoção da transformação social e a implantação de diversos projetos socioculturais na região do Alto Vera Cruz.

Em 2015, o *rapper* lançou o EP **Relatos de um Conflito Particular**, contendo sete faixas que tematizavam os sete pecados capitais. Produzido por ele próprio, o disco contava com participações de Alexandre Carlo, da banda Natiruts, e Samuel Rosa, do Skank. O EP contempla também dois clipes, **Só mais um dia** e **Redenção**, sob direção de Erich Batista e do próprio Renegado. Motivado pelo impacto do EP sobre os sete pecados, compôs outras sete músicas relacionadas às virtudes, nas quais conta a sua própria história.⁸ Com isso, lançou pela Som Livre, no ano de 2016, o álbum **Outono Selvagem**, no qual agrupou as músicas do EP com as músicas que acabara de lançar.

Ao longo de sua carreira, Renegado criou composições que expressam as principais dificuldades vividas pelas populações periféricas, representadas pela realidade da região em que ele passou toda a sua vida. Para isso, recorreu a letras que expressam um apelo social de maneira mais suave, abrindo espaço também para temas como relacionamentos afetivos e diversão,⁹ e indicando que a vida dos excluídos sociais, apesar do contato com a violência e com a carência, não é apenas marcada por estes elementos. Com essa postura, ele procura representar o morro, introduzindo em suas canções temas sociais relevantes, os quais são abordados de forma otimista, reativa, reflexiva e extremamente crítica.

Essa postura do *rapper* é explicada por Heloisa Buarque de Hollanda da seguinte maneira: “uma nova geração, em sua grande maioria, moradores das comunidades de baixa renda, elege a atitude artística (como é chamada) como forma de intervenção política” e essa intervenção é vivenciada “simultaneamente

⁷ Site oficial: <<https://www.arebeldia.org.br/>>.

⁸ Informação retirada do site oficial do álbum: <<http://flaviorenegado.com.br/outonoselvagem/>>. Acesso em 15 de abr. 2016>.

⁹ As canções que tratam desse tema são **Rola o beat**, **Qual o nome dela**, **A massa quer dançar**, **Tempo bom**, **Luxo só**, **Corda bamba** e **Maldita**.

como arte e como forma de transformação do cotidiano de suas comunidades” (HOLLANDA, 2012a, p. 87). Isso porque, segundo a pesquisadora, o *hip hop* desempenha um papel muito importante na vida dos jovens periféricos de todo o mundo, mas é no Brasil que os adeptos acrescentam mais um elemento à cultura, o “conhecimento”, o que de certa maneira acaba enfatizando o compromisso político e transformador do *rap*. Nas palavras da autora,

O conhecimento, chamado de o *quinto elemento*, é um componente extremamente importante, na medida em que o fator estruturante da estética hip hop brasileira é a questão do ativismo, da consciência de sua história, da afirmação da história de uma cultura local e de suas raízes raciais e, portanto, da necessidade da busca de informação e de conhecimento (HOLLANDA, 2012a, p. 87, grifos da autora).

Para Roberto Camargos, ainda que não assuma tal atitude de engajamento, faz parte da cultura do *rap* e do *rapper* brasileiros uma postura de envolvimento político, no sentido mais amplo do termo:

O engajamento no *rap* se espalha em um conjunto de ações, valores, práticas e discursos que estendem seu raio de ação às relações entre música e sociedade, entre cultura e política. A construção do sujeito engajado se efetua por meio do compartilhamento da visão segundo a qual o músico, graças às suas obras, participa de modo direto e pleno do processo social (CAMARGOS, 2015, p. 84).

É recorrente as letras de *rap* virem esculpidas em formas de conselhos e ensinamentos. E se para aconselhar é preciso falar da sua própria vida, os *rappers* fazem isso com muita facilidade. Segundo Camargos, ao relatarem a própria vida acabam criando “representações do real” (CAMARGOS, 2015, p. 136), pois enfatizam a verdade da sua mensagem. Tal experiência é relatada por praticantes do *rap*, como observamos abaixo:

[...] o *rap* é uma coisa autêntica, totalmente nossa, porque ele relata o que vivemos, problemas sociais que vêm desde os nossos antepassados e que têm de ser resolvidos. Por isso falamos deles e tentamos praticar uma forma de mudança. Eu acredito que não só as pessoas que moram em favelas e em comunidades necessitam ouvir o que falo (NEGA GIZZA apud CAMARGOS, 2015, p.136).

Renegado reitera as palavras de Nega Gizza ao afirmar que não há como “desconectar uma coisa da outra [ele se refere à vida e à obra], sou quem eu sou, pois tudo o que vivi me esculpiu, os meus problemas e conflitos me fizeram ser esta

pessoa, este poeta, ativista e sonhador, o filho da dona Regina” (RENEGADO apud FERNANDES, 2018, p. 131).

As canções **Renegado** e **Benção** são as escolhidas pelo *rapper* para contar sua própria história de vida. Vejamos, primeiramente, a letra de **Renegado**¹⁰:

Renegado, cão sem dono menino bandido
Renegado, me preservo e suicido
Renegado, com disposição se for aquilo
Renegado, por isso dou meu melhor

Entre becos e ruas escuras sempre caminhei
Com bandidos e ladrões criei e me criei

Aprendi que na vida não se marca bobeira
Senão vem alguém e me puxa a rasteira

Tá bom! Vou te contar uma parte da minha vida
Mano! E tanta fita que cê num acredita

Histórias de um passado ainda recente
Aonde o corpo não é mais forte que a mente

Na luta! Quem é fraco perde
O sol nasce para todos, mas a sombra é pra quem merece

No jogo! Vence o melhor
O bom malandro dá a volta pôr cima e nunca fica na pior

Não dá, não cede, sempre barganha.
A vida para mim sempre foi um perde e ganha

O meu lugar no pódio já está reservado
Muito prazer, me apresento, o meu nome é...

[REFRÃO]

Não. Aqui malandro aqui o papo é diferente
Pois personifico o que o inimigo teme
Negro, pobre, bem informando
Fui Renegado mas o passaporte tá carimbado

Conheci o mundo e outras formas de favelas
Conheci los chicos que lutam lá mesma guerra
Valores que não estão à venda
Respeito, amor e justa renda

Por poder a luta é travada
Desde o Santo Graal ao domínio da bocada

Nesta disputa vamos ver quem vai ganhar?
Corre atrás, que a minha cara é o primeiro lugar

¹⁰ Neste artigo, optamos por citar integralmente a letra a ser analisada para que o leitor possa ter uma dimensão do total do discurso do *rapper* mineiro.

Entre lobos e meninos sobrevivo sem medo
Microfone, caneta e uniforme alvinegro

Já falei, o pódio tá reservado
O meu nome você sabe bem qual é

Em uma entrevista para a TV Una,¹¹ exibida em 01/03/2013, Flávio Renegado, quando questionado sobre o porquê do apelido, explica que dentro do movimento *hip hop* há a tradição do rebatismo pela rua, no qual os integrantes recebem um apelido que o caracterize dentro do movimento. Como ele era o único que ainda não tinha um apelido, um amigo o apontou como um renegado. A princípio, ele não gostou, mas refletindo sobre o significado da palavra, acabou entendendo que renegado tinha tudo a ver com a história de luta que o povo negro (que é o seu povo) sempre enfrentou. Afinal, os negros e os sujeitos periféricos viveram e ainda vivem sem ter acesso a vários “bens incompressíveis”,¹² como acesso à escola, moradia, saneamento básico, dentre outros.

A letra descreve, mesmo que indiretamente, a vida de Flávio, colocando como ponto central a forma como ele constrói um discurso que propaga a atitude, a resistência, a reação positiva diante das dificuldades. Sua história funciona como uma espécie de paradigma social, pois foi criado com muita dificuldade em uma favela, abandonado pelo pai, com uma mãe que teve de assumir a função de sustento da família, trazendo a ideia de que a falta de oportunidade acaba empurrando jovens periféricos para o mundo do crime. A palavra utilizada para reforçar sua atitude para vencer na vida é “disposição”:

Renegado, cão sem dono menino bandido
Renegado, me preservo e suicido
Renegado, com disposição se for aquilo
Renegado, por isso dou meu melhor

O que pode ser observado na canção **Renegado** é que suas experiências de vida são transpostas de modo a servir de exemplo, modelo para que outros, apesar da violência sofrida, não desistam, aproximando-o, assim, do narrador tradicional,

¹¹ Disponível em: <<http://www.unatv.com.br/category/jornal-contra-mao/entrevistas/>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=pS4MpMKQXzs>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

¹² Antonio Candido, em **O direito à literatura**, define “bens incompressíveis” como aqueles “que não podem ser negados a ninguém”, como por exemplo, “o alimento, a casa, a roupa” (CANDIDO, 1995, p. 240).

definido por Walter Benjamin. Benjamim considera que a figura do narrador tradicional teria dois representantes arcaicos: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário. De acordo com o autor,

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 1994, p. 198-199, grifos do autor).

É a partir dessa definição que Benjamim evidencia características do narrador tradicional, ligado à oralidade, ao senso prático e à capacidade de intercambiar experiências, afirmando que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”, e as melhores narrativas “são aquelas que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Benjamim observa, a esse respeito, que a matéria desse narrador tradicional é sua vivência ou a observação da experiência de vida alheia, que incorpora à narrativa, derivando quase sempre uma espécie de sabedoria ou conselho:

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Essa figura do narrador tradicional, conforme descrita por Benjamim, se associa ao *rapper*, ambas mergulhadas na experiência da comunidade e na oralidade. Assim, o que o *rapper* canta não é só fruto de sua vivência pessoal, mas de uma vivência inserida em um contexto maior, que diz respeito a todos que pertencem ou se identificam com uma dada comunidade, ainda que as experiências sejam apropriadas em cada contexto, ressignificadas, conforme apontamos por meio das reflexões de Souza na introdução deste artigo¹³.

Ao cantar as mazelas e o desconforto do mundo circundante, o *rapper* encontra ressonância junto as suas comunidades para criticar alguns dos pilares de sustentação da cultura Ocidental: Democracia, Liberdade, Justiça

¹³ Para uma análise mais detalhada da relação entre o *rapper*, o narrador benjaminiano e o *griot*, figura ancestral africana, ver FERNANDES; PEREIRA, 2017.

e Cidadania. Evidenciam, assim, a pouca importância e o pouco significado que estes conceitos têm para as suas vidas (SOUSA, 2009, p. 10).

Na letra da canção **Renegado**, o *rapper* promove “um intenso diálogo da música com a vida social” (CAMARGOS, 2015, p. 17), pois canta a sua história não para se fazer de vítima, mas para mostrar aos outros que é possível enfrentar as adversidades colocadas pela vida, mas que isso se dá por meio do embate e da consciência social: **Negro, pobre, bem informado**. Nesse caso, o *rap* (e a música) funciona como um instrumento de transformação social. Para Heloísa Buarque de Hollanda, a cultura *hip hop* pode ser um elemento fundamental para transformar a realidade das pessoas. Ela afirma que o *rap*, num cenário conturbado de desigualdades sociais e inúmeros problemas que assolam a vida daqueles que não estão localizados numa zona de conforto e poder, ganha a nobre “função de um sacerdócio cuja missão é fundamentalmente política e de natureza transformadora e conscientizadora” (HOLLANDA, 2012b, p. 31).

Nesse caso, a veiculação de mensagens sobre o seu cotidiano é uma forma de experienciar esteticamente sua relação com a sociedade e de celebrar “a vida social de maneiras diversas (com tristeza, rancor, alegria, ironia e por aí fora) ao cantar sobre situações e vivências coletivas e individuais”, aponta Camargos (2015, p. 50).

Podemos observar nos versos “Entre becos e ruas escuras sempre caminhei”/ “Com bandidos e ladrões criei e me criei”/ “A vida para mim sempre foi um perde e ganha”, da letra de **Renegado**, que a mensagem central da canção diz respeito ao fato de que o compositor teve motivos para se inserir no mundo do crime, mas aprendeu “que na vida não se marca bobeira”, trazendo a ideia de que as armas que ele usa para enfrentar todas essas situações são o microfone e a caneta.

Microfone, caneta e uniforme alvinegro
Já falei, o pódio tá reservado
O meu nome você sabe bem qual é

O que Renegado propõe aqui é o entendimento do *rap* como uma “canção de reflexão, da luta e da tomada de consciência” (CAMARGOS, 2015, p. 49), aludindo ao que Carmo propõe ao pensar o *rap* como um novo modo de se fazer música de protesto no Brasil. Para Carmo, na década de 1960, jovens universitários de classe

média cultivavam um tipo de música com o propósito de conscientizar o povo sobre as injustiças sociais – em relação direta com a ditadura, que silenciava qualquer forma de descontentamento –; nos anos 1990, um novo discurso, um novo ritmo e outra origem social passam a recorrer às canções para denunciar as características da realidade de exclusão, vivenciadas nas periferias dos grandes centros urbanos. Assim como acontece no nascimento do samba, que se origina de uma cultura marginal ligada aos setores populares, ao cultivar o “ritmo dos excluídos”, os *rappers* tornam-se os porta-vozes ou cronistas das injustiças sociais e dão visibilidade a seus problemas (CARMO, 2010, p. 175).

No caso da canção **Renegado**, é como se o *rapper* mineiro estivesse falando: olha, parceiro, a vida é dura, mas vem aqui que eu vou contar uma história que vai mostrar para você que é possível enfrentar tudo isso com sabedoria. Este chamamento acaba por caracterizar seu modo de fazer música como uma “ação político-pedagógica, cujos objetivos incluem fazer ‘enxergar as coisas de um modo mais crítico e ao mesmo tempo esperançoso [...] passar uma mensagem de protesto com o intuito de obter algo melhor lá na frente” (CAMARGOS, 2015, p. 78), o que pode ser ilustrado com os versos “O meu lugar no pódio já está reservado”, “Fui Renegado, mas o passaporte tá carimbado”, conforme vemos na canção **Renegado**.

Nesse caso, como aponta Camargos, o *rap* acaba por ter uma função dupla: representa um “discurso de revolta e denúncia da deplorável condição” a que estão submetidos muitos sujeitos em nossa sociedade e é também um mecanismo catártico diante da “opressão e o controle social”, possibilitando a seus produtores e consumidores a criação de um espaço de reconstrução de identidade, de reconfiguração da autoestima e da propagação de outros valores (CAMARGOS, 2015, p. 51).

A letra da canção acima acena com a ideia de que o estado de carência da periferia ocorre em todo o lugar e que a luta entre os homens é uma continuidade histórica.

Conheci o mundo e outras formas de favelas
Conheci los chicos que lutam lá mesma guerra
Valores que não estão a venda
Respeito, amor e justa renda
Por poder a luta é travada
Desde o Santo Graal ao domínio da bocada

Nesta disputa vamos ver quem vai ganhar?

Considerando a ideia de Camargos de que a narrativa do *rap* acaba por se constituir como uma “representação do real”, na medida em que aciona a vivência do *rapper*, e que esse elemento é algo que une os jovens da periferia, dotados de histórias experiências semelhantes, uma das mais comuns diz respeito à ausência paterna (SOUSA, 2009, p. 204). Tal situação é exposta em **Benção**. Vejamos a letra:

Benção mãe,
obrigado por ter me ensinado
de fato o que é viver.

Eu sei, cheguei em uma hora conturbada
Apesar de me amar, você não me esperava
Sei colé que é, como a vida é dura
Aos 21, mãe solteira, dois filhos, loucura
Não teve medo da situação
Determinada e tinha opinião
Mesmo quando ele te abandonou
Eu já tinha 3 de idade quando ele nos deixou
Sem atitude, não fez papel de homem
Sem carinho, sem amor, do que vale o sobrenome?
Dele não tenho raiva, ou ressentimento
também não tenho afeto ou qualquer outro sentimento
Não moveu um só dedo, para ajudar
E você limpando o chão de playboy pra me criar
Se desgastando em várias jornadas de trabalho
Pra não deixar faltar o feijão no nosso prato
Do céu às vezes, nem chuva cai
Você pra mim sempre foi mãe e pai
Final dos anos 90 parte 2 do dilema
Eu entro na adolescência

Quando criança eu prometi não te fazer sofrer
mas comecei a desejar o que não podia ter
De gênio forte incontrolável, tá bom eu sei
Que eu sempre fui o mais rebelde de nós 3
Mas a senhora, sabe muito bem
Que eu nunca gostei de depender de ninguém
Dinheiro fácil, mulher, moral e respeito
A vida do crime é ilusória nego
Sempre me falava o que era certo ou errado
Apesar do meu descaso nunca saiu do meu lado
Quando me perdi em meio à escuridão
Você foi a única que me estendeu a mão

Peço perdão pelos desgostos que já te fiz passar
Peço perdão pelas lágrimas que já te fiz chorar
Peço perdão pela falta de atenção e de juízo
Que várias e várias vezes nos levaram ao litígio
Hoje agradeço cada tapa, a cada puxão de orelha

Pois eles me impediram de fazer muitas besteiras
Obrigado por não desistir de mim em meio as dificuldades
Dona Regina, a mulher que me fez homem de verdade

Para Sousa, as mães aparecem, nas letras de *raps*, “idolatradas, como ‘santas’, ‘guerreiras’, as únicas e verdadeiras conselheiras que eles precisam ouvir e em quem confiar” (SOUSA, 2009, p. 205). Em **Benção**, Renegado não só segue a cartilha do *rap*, considerando a fala de Sousa, como propõe uma escala de conselhos, referindo-se, implicitamente, que sua sabedoria vem da figura materna, que soube aconselhá-lo e guiá-lo quando estava na “escuridão”.

Benção mãe,
obrigado por ter me ensinado
de fato o que é viver.
[...]

Mais do que contar sua vida, Renegado narra a história familiar de muitos outros jovens iguais a ele, estabelecendo um pacto de identificação com seu ouvinte, morador da periferia, mas sobretudo deste que se vê em voltas com a vida do crime, quando se começa a “desejar o que não podia ter”, conforme citado na letra de **Benção**. A canção é construída por meio de sua narratividade,¹⁴ que acompanha a linha cronológica na vida do *rapper* mineiro, na qual se destacam três aspectos: (1) a ausência paterna; (2) a sugestão da vida do crime; (3) a figura materna forte, capaz de enfrentar as lutas diárias, mas submetendo-se à exploração alheia.

Enquanto a mãe é exaltada, à figura do pai são atribuídos o abandono e a falta de responsabilidade e de amor. O pai não é digno de nenhum sentimento por parte do *rapper*, enquanto a mãe é elevada à heroína, aquela que salva, que não

¹⁴ No artigo **Rita’, de Chico Buarque (e outras histórias femininas de devastação)**, Cilene Pereira observa, tendo a canção de Chico como ponto de partida, a presença da narratividade na canção popular brasileira – ela recorre, para isso, ao estudo de Ricardo Azevedo. A ensaísta levanta a hipótese de que tal narratividade pode levar “a uma compreensão mais imediata de seu ouvinte/leitor, uma vez que trabalha com categorias como enredo e personagem”, observando, a ensaísta, que “em um primeiro momento podemos avaliar este recurso narrativo como um elemento facilitador para o entendimento do ouvinte/leitor (ajudando até na memorização da canção)” (PEREIRA, 2017, p. 8). Tal estratégia poderia ser estendida também ao discurso do *rap*, sobretudo se pensarmos no tamanho das canções, muitas delas formadas por dezenas e dezenas de versos. Esse princípio narrativo garantiria não só o entendimento da canção pelo ouvinte (sobretudo associada à performance do *rapper*), mas também sua memorização.

mede esforços a favor de seus filhos, sendo esta uma espécie de paradigma da mulher negra pobre, abandonada pelo companheiro e subempregada.

Na adolescência, o sentimento de admiração e gratidão à mãe é substituído pelo desejo de possuir aquilo que a mãe não podia comprar. Seduzido e atraído pela vida fácil, o *rapper* se entrega à vida do crime, que proporciona “Dinheiro fácil, mulher, moral e respeito”, conforme vemos na letra de **Benção**. A canção termina como o enaltecimento da figura materna, responsável por fazer do *rapper* o homem que é hoje: aquele que sabe aconselhar, se identifica com sua comunidade, instiga a luta, mas não incita à violência, mas que, acima de tudo, conscientiza por meio do *rap*.

Para Camargos, narrativas como estas, nas quais os *rappers* narram suas próprias histórias, fazem com que estes,

[...] ao reconfigurarem suas experiências sociais, [...] [promovam] “o diálogo entre o ser social e a consciência social”. O modo de vida e a maneira como experimentaram concretamente diz muito sobre os fatos narrados, os usos e os costumes que se podem perceber no dito e no não dito, no juízo dos enunciadores diante do assunto que abordam, na forma como lugares e momentos da realidade social são construídos e pensados nas composições (CAMARGOS, 2015, p. 132).

Nesse sentido, nas duas canções, o discurso de luta (e não de violência) que Renegado promove pode ser percebido ao relatar sua própria história, para que esta sirva de exemplo a outros que passam pela mesma situação, sugerindo o caminho da arte como uma forma de resistência e de negação da opressão.

Se as duas canções comentadas nos ajudam a refletir sobre a história de vida de Renegado (potencializando entendermos muitas outras histórias), a canção **Redenção** traz a mensagem de libertação e de reconhecimento de que o *rap* (e a sua canção) podem salvar vidas. Como lembra Patrícia Curi Gimeno, os *rappers*

[...] tomam para si a missão de relatar e, desse modo, combater, as causas e consequências do “cotidiano suicida” que, de certo modo, dita o ritmo da difícil vida dos moradores da comunidade periférica, [no qual] imbuídos dessa missão, eles transformam o rap em uma arma (GIMENO, 2009, p. 107).

Nas canções de Flávio Renegado, este fator é fundamental, visto sua relação com o narrador tradicional, como apontado. O tema da redenção é muito cantado pelos *rappers* de forma geral, visto que o local onde é produzido o *rap* (a periferia) já

traz caracterizado em si todo um aspecto de violência e criminalidade, conforme se vê nas próprias letra de Renegado e de outros *rappers*. Assim, escapar desse mundo é algo que precisa ser compartilhado entre os membros da comunidade, nos quais se incluem os *rappers*. Vejamos a letra de **Redenção**:

Vim pra causar alarde, barulho e confusão
Registrar minha passagem e nunca viver em vão
Que o fim seja justo comprimento da missão
Ser lembrado como herói, é zica mesmo esse negão
Referência pros moleque que sempre segue lutando
Não abandona o fronte a família e nem o bando
Eu vivo a vida, pois a morte é mais que certa
O corpo é fechado e a mente sempre aberta
Alerta a virada dos ventos e das marés
Que venha o amanhã, o inabalável é minha fé
Firme os meus passos seguiram caminhando
Lutando e sorrindo, chorando e amando
Uns vão dizer que isso é uma mente insana
Outros dirão nessa mente tem gana
Mas na real essa mente africana
Conhece bem de perto a maldade humana
E nesse caso, o descaso câncer social
Pensamento tão raso corta mais que um punhal
Simplesmente atraso uma prova cabal
Que humanidade meu chapa anda muito mal
Com o vil metal, álcool ou tabaco
Tentaram me transformar em mais um fraco
Não sucumbi, subverti é fato
Que o meu sorriso deixa os coxinha bolado
Eles não entendem ou consideram um mistério
Sair do barraco e construir um império
Trabalho, amor sentimento sincero
Workaholic às vezes exagero
Pra confraternizar com os primo e com as prima
Fazendo da rima a mudança do clima
Pros pela, a confiança é mínima
Porque o meu pecado é ter muita autoestima
Porra

Já nos primeiros versos da canção, Renegado dá o recado direto, de forma clara e objetiva, ao anunciar que veio para “causar alarde, barulho e confusão”, usando esses termos para ressaltar que tem uma missão, a de levar mensagens de esperança e protesto para a população periférica.

Na canção, podemos observar a autoafirmação do *rapper* e o reconhecimento do seu poder de transformação social, no qual registrar a sua história pode ser uma maneira de se tornar referência para aqueles que vivem uma história como a sua, estabelecendo, assim, seu vínculo com a periferia a partir da “fé depositada em sua

história, memória, em seus semelhantes, para superar esses estados de coisas”, esclarece Sousa (2009, p. 198). Afinal, sua história é a de muitos outros jovens, não apenas na sua comunidade em Belo Horizonte, mas nas comunidades periféricas de todo o Brasil, que encontram na música a sua redenção, o meio de se libertar da violência e do crime e de se constituir, através da voz, um sujeito político:

[...] na condição privilegiada de abordar *in loco* os problemas da periferia, que esse movimento [o hip hop, do qual o rap faz parte] tem se firmado como uma voz amplificada das queixas e cobranças que os jovens pobres do Brasil fazem em suas cidades. Ao trazer à tona temas controversos da vida urbana, os jovens, envolvidos com esse grupo de estilo, deixam em xeque a legitimidade do estatuto-padrão que regulamenta suas vidas e forjam, na esteira desses acontecimentos, novas representações em torno das quais constroem o estilo rap. Um estilo que oferece, aliás, as bases materiais e simbólicas para reorientar a condição de existência na periferia. Assim sendo, o rap, como canto popular de raiz africana, por sua métrica própria, pode ser encarado como uma rica fonte para se compreenderem certas realidades da cultura suburbana e se desvendarem as histórias desse setor da sociedade quase sempre renegado pelo poder público (SOUSA, 2009, p. 79).

Nesse contexto, o rap é o instrumento de libertação e luta política que permite que o ser marginalizado estabeleça seu poder de fala na sociedade, expressando seu direito de voz para denunciar as mazelas que assolam o dia a dia de quem mora em lugares afastados do centro do poder, como periferias e comunidades. Assim, a expressão dessa voz ocorre por meio da relação entre arte e política, visto que moradores de periferias são estimulados, através da arte, e mobilizados a reconstruir seu lugar e criar mecanismos para romper com o discurso de violência a eles associados.

O rap de Flávio Renegado busca extrapolar as barreiras de sua comunidade, demonstrando que os problemas que uma dada periferia encontra podem ser os mesmos de outras periferias de todos os cantos do mundo, questionando, assim, a ordem social e a invisibilidade do marginalizado e excluído, independente do lugar que se encontra.

A mente para Renegado está sempre aberta, sujeita a transformações. Mas o que o mantém firme é a sua fé inabalável. Na letra da canção, a religiosidade é colocada como algo muito valioso e importante para a sua vitória. Para Sousa, o tema da religião tem se tornado frequente no rap brasileiro: “quando seus representantes sentem-se humilhados e desprotegidos pelas leis do homem, eles

apelam à Justiça Divina para pedir proteção e força para seguir adiante” (SOUSA, 2009, p. 203).

Sua maneira de lutar, de usar a palavra para poder expressar os seus desejos, anseios e alcançar a redenção resulta em posicionamentos diferentes, pois enquanto uns o condenam como louco, outros acreditam no seu potencial para conseguir o que se deseja. É através de um jogo com a palavra **mente**, conforme destacado nos versos a seguir, que o *rapper* traz à tona a questão do preconceito racial, colocado por ele como o **câncer** da sociedade. Ele, que conhece bem essa questão, conforme suas canções, sabe o quanto é doloroso e que “corta mais que um punhal” ser discriminado pela sua cor ou pela sua condição.

Uns vão dizer que isso é uma **mente insana**
Outros dirão nessa **mente** tem **gana**
Mas na real essa **mente africana**
Conhece bem de perto a maldade humana
E nesse caso, o descaso câncer social
Pensamento tão raso corta mais que um punhal
Simplesmente atraso uma prova cabal
Que humanidade meu chapa anda muito mal (grifos nossos)

Nesse caso, esclarece Silva,

A partir do “autoconhecimento” sobre a história da diáspora negra e da compreensão da especificidade da questão racial no Brasil, os rappers elaboraram a crítica ao mito da democracia racial. Denunciaram o racismo, a marginalização da população negra e dos seus descendentes. Enquanto denunciavam a condição de excluídos e os fatores ideológicos que legitimavam a segregação dos negros no Brasil, os rappers reelaboraram também a identidade negra de forma positiva. A afirmação da negritude e dos símbolos de origem africana e afro-brasileira passaram a estruturar o imaginário juvenil, desconstruindo-se a ideologia do branqueamento, orientada por símbolos do mundo ocidental. [...] A valorização da cultura afro-brasileira surge, então, como elemento central para a reconstrução da negritude (SILVA, 1999, p. 29-30, grifo do autor).

Por meio de uma linguagem figurada, o *rapper* aponta o dinheiro e as drogas como aliciadores para a vida do crime (“Com o vil metal, álcool ou tabaco/ Tentaram me transformar em mais um fraco”); mostrando-se forte, ele aponta: “Não sucumbi, subverti é fato”, conforme vemos nos versos da letra de **Redenção**.

Nos últimos versos da canção citada (“Pra confraternizar com os primo e com as prima/Fazendo da rima a mudança do clima/Pros pela, a confiança é mínima/Porque o meu pecado é ter muita autoestima/Porra”), para que a mensagem seja mais expressiva e significativa para seu interlocutor, novamente propõe um jogo

de rimas com as palavras **prima**”, **clima**, **mínima** e **autoestima**, para falar que foi a confiança em si mesmo e em suas rimas que fizeram com que ele alcançasse o lugar que sempre desejou, reforçando, mais uma vez, a ideia de que foi o *rap* que salvou a sua vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das letras das canções **Renegado**, **Benção** e **Redenção** evidenciam como o *rapper* mineiro Flávio Renegado tece sua narrativa a partir de suas vivências, de modo com que transmita aos seus interlocutores mensagens de resistência, esperança e de atitude frente aos problemas da vida. Fazendo isso, Renegado assume o papel de narrador e de voz de sua comunidade, tornando-se um cronista das injustiças sociais. Isso porque ao falar de sua história, ele fala da de outros, promovendo um diálogo direto com questões relacionadas tanto à ancestralidade negra quanto ao lugar periférico ocupado hoje pelas populações afrodescendentes.

Nesse sentido, sua música busca propor uma reflexão sobre essa situação de exclusão, reivindicando seus direitos de maneira consciente. Como aponta Camargos, a respeito do *rap* brasileiro, “a imagem de Brasil que ganha forma na arte produzida por muitos *rappers* não é grandiosa, a da ‘terra boa e gostosa’, mas a de um país mergulhado na catástrofe social” (CAMARGOS, 2015, p. 27), pontuada a partir da experiência própria daquele que canta/fala seus versos. Os versos de Renegado não encontram barreiras, no entanto, quando o assunto é a valorização e afirmação das suas origens, às quais recorre para reforçar a importância do negro na nossa sociedade, por meio de uma narrativa se que constrói a partir da história de resistência dos sujeitos periféricos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMARGOS, Roberto. **Rap e política: percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.

CARMO, Paulo Sérgio do. A cultura da violência. In: **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2010.

FERNANDES, Joseli Aparecida. PEREIRA, Cilene Margarete. Do *griot* ao *rapper*: narrativas da comunidade. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. Três Corações, v. 15, n. 2, p. 620-632, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4261>>.

FERNANDES, Joseli Aparecida. “**Através do meu canto o morro tem voz**”: o **discurso de resistência no rap de Flávio Renegado**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2018. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/imagens/2018/mestrado_letras/dissertacao_joseli.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

GIMENO, Patrícia Curi. **Poética Versão a construção da periferia no rap**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281717>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Estética da periferia: um conceito capcioso**. 2012a. Disponível em: <<http://www.seminariosmv.org.br/2012/textos/heloisabuarquedehollanda.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. O engajamento hip hop. In: **Cultura como recurso**. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia/Fundação Pedro Calmon, 2012b, p. 25-39. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/wp-content/uploads/2013/10/vol_5_holanda.pdf>. Acesso em: 02 out. 2016.

PEREIRA, Cilene Margarete. “Rita”, de Chico Buarque (e outras histórias femininas de devastação). **Recorte Revista Eletrônica**, Três Corações, v. 14, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/4271>. Acesso em 15 de jan. 2018.

ROCHA, Janaína; DOMENICH Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip hop: a periferia grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Luiz Henrique dos. **As letras de rap do movimento hip-hop como desdobramento do processo de segregação socioespacial**: antigamente quilombos, hoje periferia. 2013. 103f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (Instituto de Geociências e Ciências Exatas) Campus de Rio Claro, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/95729>>. Acesso em 10 mar. 2017.

SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e Educação: A experiência do Movimento Hip Hop Paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). **Rap e educação; Rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

SOUSA, Rafael Lopes de. **O movimento Hip Hop**: a anti-cordialidade da “República dos Manos” e a Estética da Violência. 2009. 243f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280592/1/Sousa_RafaelLopesde_D.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip hop. São Paulo: Parábola, 2011.

Discografia

RENEGADO, Flávio. **Do Oiapoque a Nova York**. [CD]. Manaus: Sonopress Rimo da Amazônia Industria e Com. Fonográfica Ltda, 2008.

Sites consultados:

AREBELDIA – Alto Vera Cruz BH/MG. Disponível em: <<https://www.arebeldia.org.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Flávio Renegado, Outono Selvagem. Disponível em: <<http://flaviorenegado.com.br/outonoselvagem/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Disponível em: <[http://www.fndc.org.br/system/uploads/ck/files/Curriculo_Flavio_Renegado\(1\).pdf](http://www.fndc.org.br/system/uploads/ck/files/Curriculo_Flavio_Renegado(1).pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Prefeitura Belo Horizonte. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=39243&chPlc=39243&&pldPlc=&app=salanoticias>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

Projeto Sol – UFMG. Disponível em: <https://www2.icb.ufmg.br/projetosol/?page_id=206>. Acesso em: 12 nov. 2017.

Una TV. Disponível em: <<http://www.unatv.com.br/category/jornal-contra-mao/entrevistas/>>. e <<https://www.youtube.com/watch?v=pS4MpMKQXzs>>. Acesso em: 10 ago. 2017.